



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### **PONTOS CARDEAIS DA MEMÓRIA EDUCATIVA: A MINADA EXPERIÊNCIA CANDANGA**

Maria Paula Vasconcelos Taunay\*  
(UNB)

#### **RESUMO**

O presente artigo mapeia a memória social e educativa do Distrito Federal à luz do conceito de experiência em Bondia e da história a contrapelo em Walter Benjamin. Enquanto modalidade de estudo, observa-se a constituição da memória social sob um olhar direcionado ao âmbito educacional e às novas alternativas emergentes presentes nas correntes tradicionais da museologia e da educação. Apresenta-se também o trabalho local de pesquisa da memória da educação empenhado na preservação da memória social e da vocação ideológica presente na identidade da cidade desde a sua origem.

**PALAVRAS CHAVE:** Memória social, Museu de Educação, experiência, museus.

#### **INTRODUÇÃO**

#### **O TESOURO DA MEMÓRIA**

No mapa da memória brasileira existem símbolos atávicos ao sujeito nativo, entre eles, o cheiro do café, o vento sobre o mar, o amor à natureza, o andar gingado e a esperança no pensamento. Também na cultura do sol, da liberdade e da nudez selvagem as memórias de convivência urbana e rural alimentam imagens de uma memória social. De modo geral, é gente que ama futebol, música, praia, andar sem sapato, ainda, compartilha secretamente uma convivência silenciosa com a escravidão e a desigualdade

---

\*Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília, Brasil (2011); Trabalha na Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, Brasil; mp.vasconcelos@ig.com.br



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

social. São tesouros de um pertencimento nativo, cartografado como objeto de estudo, que representa o perfil presente na essência desta população, amadurecendo na medida em que desvenda os seus próprios mistérios.

A terceira tese de Walter Benjamin (1892-1940) intitulada “Sobre o Conceito de História” argumenta em favor do dia em que a humanidade deverá se apropriar do seu passado. É reflexão do autor: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido”. A abrangência do recordar, possível apenas no dia do “juízo final”, a ordenação messiânica que fundamenta o conceito de história deste filósofo, atribui ao historiador a leitura da história “a contrapelo” como quem vem do futuro e assiste o caminhar da humanidade.

No entendimento do movimento espiralado de quem assiste o crescimento do filho enquanto lhe projeta perspectivas pessoais, Benjamin dispõe o conceito da história “a contrapelo”. É na percepção de que os acontecimentos desejados no presente constituem o futuro hoje e o passado nítida e eternamente presente, que se encontram significados de um tempo notável, neste início do terceiro milênio de busca de saber mnemônico em processo de fortalecimento, com destacadas possibilidades científicas.

O fenômeno se reproduz no Brasil, depois de garantida uma distribuição de renda menos injusta. Nesse contexto, a história nacional, desde os tempos coloniais, fagulha profecias que anunciam a pujança do país como “celeiro do mundo” dada a localização geográfica, abundância solar e boa qualidade da terra - onde em *se plantando, tudo dá*, soletrava o escriba lusitano no relatório ao Rei Dom Manuel deste *Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz*, onde menciona em primeiro de maio:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! (CAMINHA, 1500)



Os porvires profetizados na história do país sobrelevam em significâncias na atualidade face ao agravamento da crise econômica que assola o hemisfério Norte. A revelação do anjo do pintor suíço Paul Klee (1879-1940) que olha em direções opostas e, assiste continuamente ao passado e ao presente soma-se ao discurso benjaminiano de que nenhuma memória se perde por ser eterna e cumulativa no aguardo do dia de um juízo final quando serão revistos as injustiças sociais e políticas de seus sujeitos. Nesse sentido, a memória da sociedade contempla transformações do capital e transições de regimes enquanto questiona o progresso contido na história do mundo e na evolução do homem.

No caso da história brasileira, que territórios conservam a memória das conjunturas sociais? Como a memória se dispõe enquanto objeto de estudo acadêmico? Onde reside a memória política presente nas transições democráticas, ditatoriais ou econômicas vivenciadas em eleições, golpes militares, mudanças de regime e em crises internas e externas? Que modalidades e práticas de memória educativa estão disponíveis para o público em geral?

Como um mapa geomorfológico de jazidas minerais, este artigo reflete a constituição da memória do Distrito Federal ao elaborar o papel das memórias nos ambientes educativos da capital do país. Assim, a legenda educativa cartografa memórias dispostas numa escala física para pensar o brasileiro no alvorecer da pós-modernidade a partir de narrativas convergentes em autoconhecimento e leitura identitária. De modo a diferir o indivíduo dos seus semelhantes, esta perspectiva amplia o seu amor-próprio ao reconhecer-se parte da circunferência imaginária que constitui a sua existência. Nesta bolha, seu mundo verticaliza sua experiência e a de seus antepassados num esclarecimento (*Aufklärung*) da realidade capaz de retirar o indivíduo de sua minoridade, da qual o próprio é responsável. A minoridade racional do homem o incapacita de se servir do seu próprio entendimento sem a tutela de outro, pois segundo a razão de Emanuel Kant (1724-1804) impõe o outro como uma necessidade para esclarecer-se enquanto sujeito e possibilitar-lhe a compreensão do seu tempo sem a tutela de seu semelhante.



A memória, multiplicada entre seus sujeitos, seleciona lembranças ou esquecimentos que se ajustam minuciosamente no mapa das ideias esquecidas coletivamente. *Não só uma perturbação no indivíduo (...) mas também como falta ou perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (LE GOFF, 1992).* Estas composições da memória coletiva reproduz os elementos identitários vencedores indicativos das lutas de força social e de poder. Assim, política, estado, comunicação, tecnologia, cultura e educação representam fatores marcantes do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (IDEM, IBIDEM).

A memória da sociedade formula-se a partir da justiça sobre questões educativas que permaneceram veladas durante décadas por uma intelectualidade despreparada para o manejo de fontes de memória como a escravidão, a composição étnica, a desigualdade econômica e a ideologia educativa, sentenciando-as ao esquecimento histórico. A partir de meados do século XIX, sobre os alicerces da museologia, processa-se um lento movimento de esclarecimento da memória social pautado no fomento das experiências sensoriais em museus, conforme revela o Professor Mário Chagas.

Essa proliferação não se traduz apenas em termos de quantidade, ela implica uma nova forma de compreensão dos museus e um maior esforço para a profissionalização do campo. Há nitidamente uma valorização da dimensão educacional dos museus, aliada à ampliação da diversidade e ao desenvolvimento de experiências regionais e locais para além do antigo Distrito Federal.

Tais vivências, herdadas tradicionalmente por gerações passaram a reconhecer as manifestações populares como legítimos narradores das diferenças entre o passado e o



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

presente, o tempo vivido e o espaço ilustrado e acontecimentos, fatos, ocasiões oficiais, datas festivas, movimentações políticas e eventos nacionais. Para Maurice Halbwachs (1877 – 1945), a conversão de pontos de referência da memória coletiva caracteriza o pertencimento a um grupo, continuamente necessário, na medida em que agrega regras de coerência referenciada em outros grupos. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, não cabendo ao indivíduo recordar lembranças de um grupo com o qual não se identifica:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

A base comum da memória da sociedade brasileira permeia a criação de suas capitais, para o identificar uma face nas cidades herdeiras do modelo colônia, império e república como representantes do poder peregrino\*, onde cruza-se história e sociologia numa narrativa tecida na urbanidade de Salvador, Rio e Brasília para emergir o processo civilizatório nacional presente nos acontecimentos políticos nacionais e a convivência conivente do seu povo com a história do país, entre erros e acertos da memória social do Distrito Federal compõem pensamentos, falas, encontros, lugares e manifestações de memórias emergentes,

Brasília é identidade sem escravidão,  
É a história que paira num novo refrão,  
É a firmeza de um povo sem sinalização,  
Que se assume e se quer sem apresentação.  
(DETAUNAY, “Urbe Extrema”, 2012, p.9)

A “cidade sem esquinas” de diversidade regional, sem carnaval tradicional e de miscigenação de impressões presentes na rebeldia juvenil concomitante ao perfil burocrático e pretensiosamente democrático. Em Brasília, os fragmentos de

---

\* Barbara Freitag. Capitais migrantes e poderes peregrinos: o caso do Rio de Janeiro. Campinas: Papyrus, 2009.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

memória, de recorte educativo, hospedam acontecimentos do povo migrante como a criação das primeiras Escolas-Classe, Escolas Parque, do seu entorno e das experiências traçadas entre as rodovias da história educacional em Brasília e suas cidades satélites.

As experiências educativas da nova capital sinalizam a rosa dos ventos para o estudo da sociedade a partir da memória local, em grandes linhas e de braço em cruz, uma rosa dos ventos aponta para as perspectivas da memória da educação. Percebe-se a norte, o avanço massivo de tendências culturais multidisciplinares que progridem a cada década, fator verificável mediante o incremento do estudo da memória e da demanda às ofertas de museus públicos e privados. A leste, o movimento de ascensão econômica da classe média somado ao incremento do público do turismo cultural, que tem despertado para o acesso a novas experiências de aprendizagem em viagens e visitas a museus. A oeste, ventos de renovação na cultura de memória quando ampliadas as propostas expositivas, não mais detidas a um único foco: a memória apresentada nos museus de hoje ensinam mais do que arte, história e educação, são verdadeiras escolas onde a metodologia contemplativa nas quais o aluno é levado a aprender por experiência de modo lúdico, o que origina significados profundamente ancorados nos seus aprendizes. Ao sul, ares sopram para uma autenticidade de uma memória aberta e renovada por características ideológicas, a partir do alinhamento de conteúdos alternativos presente em centros de pesquisa dedicados às memórias excluídas do contexto social.

Na nova capital, o estudo da memória educativa se concretiza com a criação de um grupo de pesquisa, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com o propósito de investigar, por meio da metodologia da história oral, a memória viva da educação do Distrito Federal. O projeto inicia suas atividades na composição de acervo de depoimentos orais, inicialmente em áudio e posteriormente em vídeo, dos professores pioneiros e na recolha documental sobre o tema educação nos primórdios de Brasília.

---

†O idealizador do Plano das Construções Escolares de Brasília, Professor Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) foi o maior defensor da aprendizagem por experiência defendia que em cada Centro de Educação Média a ser construído em Brasília, “com capacidade para atender um total de 2.250 alunos entre 11 a 18 anos, de maneira adequada ao exercício das atividades programadas, contivesse além de um centro cultural, teatro e exposições, biblioteca e museus”.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Com o intuito de salvaguardar a memória oral da educação pioneira, a voz dos primeiros professores do Distrito Federal é registrada em testemunhos que depõem os acontecimentos primordiais. Nesse intento, o grupo de pesquisa dedicou seus anos iniciais à catalogação de produtos textuais, iconográficos e videográficos, além de objetos, bem como a sua restauração, organização e conservação.

A partir de 2003, o grupo de pesquisa elabora o projeto denominado “Educação Básica Pública no Distrito Federal – 1956 a 1964: Origens de um projeto inovador”, dando continuidade à pesquisa em torno da história e da memória em estudos regionalizados na área da educação durante os primórdios da nova capital. A pesquisa em história da educação surge da necessidade de construir e sistematizar o conhecimento sobre o processo de educação que se instalou. Este propósito desafia a revitalização dos elementos de destaque da proposta educacional original da cidade, *desde sua arquitetura escolar, bastante complexa, já que não se tratava apenas de uma escola e salas de aula, mas de um conjunto de locais diversificados, combinando aspectos da ‘escola tradicional’ com os da ‘oficina’, do ‘clube’ de esportes e recreio, da ‘casa’, do ‘comércio’, do ‘restaurante’ e do ‘teatro’* (PEREIRA e ROCHA, p. 5002). Numa pesquisa das práticas pedagógicas, a legislação corrente, suas atualizações e as narrativas dos professores habilitados para a transferência da capital, Pereira, compromete-se com a causa docente e o espírito de pioneirismo com um rigor descritivo que, entre outros temas, revela as consequências da experiência das Escolas Parque

a experiência não teve continuidade nos termos propostos, por razões de natureza ideológica, e, principalmente, por razões de ordem econômica. [...] É mister, porém, indagar-se em que medida a apatia, o descaso, o desconhecimento, enfim, a falta de prioridade da educação nas políticas públicas não foram fatores determinantes para as mudanças no traçado inicial da Escola Parque. (PEREIRA, 2012, p. 177).

Este tipo de inquérito em educação acompanha o movimento de renovação aportado do campo da história para um foco amplificado sobre os regionalismos com especial atenção à especialização do objeto. O fenômeno pode provocar, em alguns casos, excessivos de recortes na investigação que arriscam a perda de valores teóricos.



É crescente [...] a tendência a realizar estudos mais localizados, que lidem com realidades mais circunscritas e com períodos de tempo mais curtos de tempo. Essa tendência tem possibilitado o aprofundamento de certos temas e uma complexificação da compreensão do passado de determinados fenômenos educativos, que anteriormente, eram visualizados apenas panoramicamente. (LOPES E GALVAO, 2001, p. 41).

A documentação inventariada, com recorte entre os anos de 1956 a 1964, representa o valioso veio no garimpo da pesquisa, não desconsiderados os aportes posteriores. As três fases da pesquisa dividem-se entre o período pré-inauguração da cidade, de 1956-1959 ao momento da constituição e funcionamento das primeiras escolas no Distrito Federal, a segunda matriz, de 1960-1961, onde se localiza o clima de inovações educacionais implantadas nas bases políticas dos renovadores da educação, em especial, Anísio Teixeira, e o período de 1962 a 1964, quando se observa o declínio do projeto educacional e os severos efeitos da ditadura militar na educação.

Os conteúdos de pesquisa, quando guiados pela rosa dos ventos aponta para um marco no mapa das memórias educativas do Distrito Federal, a flor simbólica orienta para a relevância do entendimento da aprendizagem por experiência como um conceito fundante no mapa da memória social da cidade. O conceito experiência vem do latim *experiri*, provar:

Como primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é periri, que se encontra também em periculum, perigo. A raiz indo-européia é per, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. Em grego(...)travessia, o percorrido, a passagem: peirô, atravessar; pera, mais além; peraô, passar através, perainô, ir até o fim; peras, limite. (BONDIA, 2002)

O termo visualizaum sujeito da experiência, em um espaço indeterminado e perigoso, onde o sujeito busca uma oportunidade.





A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (IDEM, IBIDEM)

Esta forma de pensar experiência expõe a ideia de viagem, detravessia e perigo,

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. (IDEM, IBIDEM, p. 143)

A aproximação do conceito de experiência ao de memória está no sentido de que *a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos aconteça*(IDEM, IBIDEM). A experiência resulta das memórias, do desafio de transpor bacias, planaltos e chapadas por um conceito presente em quase todos os seus escritos, a experiência permeia suas críticas e configura-se num conceito plural na medida em que tem densidade e ideologia. Apenas no artigo “Experiência” de 1913, Walter Benjamin discursa ao vangloriado valor atribuído aos adultos diante da inexperiência dos mais jovens em tom irônico. A “experiência” do adulto é vista como inexpressiva para o jovem, pois é produto de uma rede de dogmas, verdades e pretensões que se ajustam a uma posição autoritária, individual e cética. Produto de sua experiência pessoal de vida, o adulto assiste com desesperança, a decadência do seu tempo de glória inútil ao jovem, já que o “esclarecimento” é individual e o “ser sério” só nasce com o tempo.

O debate no tempo da experiência conversa com as lembranças do velho e a ilusão do jovem num tempo inexistente, incontável que sustenta *os pilares que sustentam uma relação autoritária com o jovem*(Benjamin, 1913), pois a experiência não se pilha como motim de uma guerra, ela é parte do presente na medida em que se deixa instituir



sobre valores absolutos e morais caracterizados no indivíduo representante da modernidade. O viajante mapeia a solidão da modernidade evocada na poética de Charles Baudelaire (1821-1867) com angústia diante do choque dos tempos de individualismo, comércio competitivo, urbanização e informação. A experiência é por fim, um desabafo narrativo do choque sofrido diante das condições históricas contemporâneas.

As experiências de memórias defendidas por Walter Benjamin convergem em teorias baseadas nas ações sociais para determinar o reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos. A memória social enquanto fonte primária de pesquisa contempla a apropriação da experiência como patrimônio material e imaterial, parte constitutiva de acervo de memória onde se reflete a identidade e a pluralidade dos povos.

Se memória social se estabelece nas medidas de preservação do patrimônio e na salvaguarda da cultura material e imaterial de um território, físico ou abstrato, o fenômeno ocorre em especial, em museus. Originalmente, o rigor dos museus tradicionais revelaram aspectos interpretativos ultrapassados úteis na condução de um sentido de atualidade ultrapassado que demanda a revisão dos conceitos de território e patrimônio. Desde fins do século passado, novos paralelos da Nova Museologia surgem em 1971 com a Conferência Geral de Museus em Paris, quando membros do ICOM decidem organizar as novas demandas do que se faziam perceber em museus no mundo todo, uma museologia ideológica com vistas a mudar as mentalidades dos profissionais de museus e sua prática museológica. Em 1984, com a Declaração de Quebec cria-se o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), oficializado em Lisboa, em 1991, propondo o museu integral para transitar na cena da museologia internacional para uma social mais aberta à sociedade e ao mundo real como bandeira política.

A aproximação entre território e a comunidade em relação ao meio ambiente dá ao museu a responsabilidade de desvendar universos buscando solução para problemas sociais e políticos de forma sustentável. O museu destina-se assim ao enfrentamento dos problemas sociais manifestados nas questões humanas e para além do papel patrimonialista de então. As variáveis atribuídas aos novos museus tem uma característica teórica que concebe o seu



espaço além dos limites do modelo tradicional de instituição entre paredes para valer-se da interação entre território, patrimônio e comunidade. A teoria reconhece espaços não formais de educação como potenciais ambientes para a contextualização da aprendizagem. Tanto em escolas quanto museus ou qualquer outra instituição voltada para a aquisição de conhecimentos sustenta-se uma memória social impregnada de valores escolares. A interlocução entre escolas e museus ocorre progressivamente diante do crescimento das visitas escolares a museus, onde se observa não apenas a grande quantidade de museus capazes de suprir o aluno de conteúdos qualificados por intermédio de agentes de preservação do patrimônio. Com uma missão ampliada, educadores, museólogos e outros profissionais forjam formas novas de transmissão de conhecimentos renovadas das recorrentes na escola tradicional.

A escola indo ao Museu pode compreender a função da preservação da cultura e dos objetos. Interpretando a relação entre o homem e o meio ambiente, a influência da herança cultural, a identidade dos indivíduos e dos grupos sociais a escola cresce dentro dos museus por meio de ações que objetivam um melhor entendimento, a transformação e o desenvolvimento social. (SANTOS, 2008)

A Nova Museologia prevê relações interinstitucionais de vasto espectro para a pesquisa com perspectivas de renovação de dinâmicas de aprendizagem escolar para romper a compartimentalização tradicional dos saberes. Neste sentido, observa-se que a aproximação da museologia com a educação tem socializado o diálogo entre as partes dando margem a uma ação comunicativa libertadora dos mecanismos de uma razão instrumental a que museus, escolas e toda a sociedade moderna vivem atrelados.

A Museologia e a Educação, consideradas como histórico-socialmente condicionadas, assumem, em cada período histórico características que são fruto das ações do homem no mundo, fazendo com que possamos considerá-las como possibilidade e não como determinação. Daí a necessidade de contextualizá-las, situando-as no tempo e no espaço, compreendendo-as como ação social e cultural. (...) Cultura e desenvolvimento, mais do que nunca tem de andar de mãos dadas. (IDEM, IBIDEM, p. 129)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A aproximação entre a Educação e a Museologia cresce em dimensão quando estas primeiras instituições especializadas passam a dedicar estudos às minas de experiências sociológicas representadas na memória da educação no Brasil e no ocidente de modo geral. A afinidade da mensagem converge na semente de centros de memória educacional germinados em uma chuva mnemônica sobre o planeta desde fins do século passado. A realidade escolar praticada na arte do aprender e ensinar, do pensar e do saber, ilustra a memória social elaborada no âmbito escolar a partir de acontecimentos experimentados dentro da escola.

Produto conclusivo do grupo de pesquisa da “Memória da Educação do Distrito Federal”, a criação do Museu da Educação do Distrito Federal se sustenta sobre os citados pilares teóricos articulados pela Nova Museologia. Engaja-se no movimento histórico pela reflexão das práticas sociais em museus estruturando-se sobre valores renovadores instaurados num paradigma museal aproximado da sociologia. O Museu da Educação do Distrito Federal, por princípio, funde campos de saberes básicos deste movimento a fim de afinar suas relações com as ciências vizinhas e ao abrir margem abundante para uma leitura do homem como um ser comunitário condicionado à ação. Neste contexto, apresenta-se na relação entre o museu e a escola para evoluir e direcionar novas perspectivas de pensamento e de memória pedagógica capazes de romper velhos paradigmas presentes no papel destas instituições.

Como um museu voltado para a comunidade educativa, o MUDE situa-se como um museu comunitário, aberto aos professores, estudantes, gestores e pesquisadores em conhecer os êxitos dos projetos educativos anteriores, num universo intelectual em constante mutação. Onde memórias sociais frequentemente desvalorizadas do pensamento sociológico encontrem leituras para as lembranças geradas no âmbito escolar.

O Museu da Educação do Distrito Federal simboliza um local de memórias coletivas e sociais presentes no “fazer fazendo” que, ainda nos dias de hoje, encoraja a ação educativa e a formulação da identidade de sua população. Apesar do desconhecimento de parte da população à história da educação local, fator observável pelas prontas adesões a projetos educativos importados de outros lugares, conforme a guia do governo, a educação local possui espaço na consciência de seus atores. Desse



modo, como um centro de pesquisa educativa se referencia no trato de conteúdos educativos especializado, com imagens e relatos de seus professores como um armário de memórias voltado para abastecer de cultura educativa o seu público a partir da criação de programas de atendimento especializado aos docentes em setores educativos dos museus não apenas para qualificar esta relação de usufruto educativo, mas para mapear as expectativas e impressões dos professores, alterando seus projetos de recepção de escolares. Esta modalidade de atendimento especializado em serviços, atividades e programas permanentes do museu podem favorecer vínculos efetivos com a sociedade alterando hábitos culturais e amadurecendo propostas alternativas de visitação escolar.

A reflexão em torno deste lugar para a contemplação desta modalidade de atendimento especializado de memória encontrou suporte num modelo de *apresentação e interpretação da prática social e um testemunho vivo de uma cultura*, conforme defendido no Plano Museológico desenvolvido com o apoio institucional do IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. Este órgão federal de incentivo a cultura de museus no país aceitou a convocação como mediador no desenvolvimento de bases museológicas teóricas para oferta de serviços pedagógicos ao público membro ou não da comunidade docente e integrá-los ao seu patrimônio material e imaterial.

Como um percurso para as memórias educativas, o plano museológico compreende dizeres como “*eu estava na terceira série*” ou “*estudava em tal escola*” como marcos de fatos relevantes na vida do cidadão e no contexto da sociedade. São dados perdidos na administração escolar que se omite de inventariar as experiências vividas, restringindo-se apenas a salvaguarda de poucos documentos de conclusão de curso, com os resultados finais, e vez ou outra, fotografias. O fato é que falta espaço, costume e cultura de memória; estas são constatações significativas na contemporaneidade, pois nada, afora os diplomas escolares, tem serventia na atualidade da escola contemporânea. O trabalho de registro reduz-se ao que produz valor econômico ignorando por completo, qualquer produto intelectual desenvolvido, assim, vão para o lixo das memórias, apontamentos, cadernos de plano de aula, uniformes antigos, cardápios de merendas, fotografias coladas e tudo o mais que justifica a existência de uma escola.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O que pode parecer inútil ao leigo, ao professor tem serventia de acesso a sua metodologia de trabalho, expondo a materialidade escolarao cotidiano didático de quem ensina e de quem aprende. A catalogação de itens classificáveis na escola pode ser compartimentadaem disciplinas ou particularidades convencionadas.Entretanto, o caráter universalista da escola remete a uma irônica ordem na desordem, com suas salas de aulas apetrechadas, de paredes cobertas de papéis, de quadros, carteiras e coisinhas sem fim. A poesia de Carlos Drummond de Andrade onde palavras listadas classificam desordenadamente o universodo aleatório e adquire, contemporaneamente,uma função lúdica e pragmática na vida do funcionário público aborrecido com a rotina repetitiva da repartição e dela tira o verso:

Papéis transparentes  
Vidro fosco  
Gelatina copiativa  
Cursinhos  
Amortecedores  
Resfriamentos de ar  
Retificadores elétricos  
Tesouras mecânicas  
Ar comprimido  
Cupim  
(ANDRADE, 1986)

Aassociação dos itens forja um inventário poético, um acervo é um catálogo de ordenação duvidosa que compartilha itens afins ou não, como na ambiência do acervo constitutivo do cotidiano escolar enquanto patrimônio material. São listas de função reparadora e conservadora, como reconhece outro poeta, a respeito da desordem da memória social com

suas impressões afetivas, não num guia turístico. Muito mais do que um simples roteiro sentimental da cidade que eu amo. Os lugares que me dizem alguma coisa, as histórias que devem ser contadas, injustiças que devem ser reparadas. (BEHR, 2013)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Com idêntico propósito, outras instituições universitárias tem se destacado na desordem lotérica que é a salvaguarda das memórias sociais e educacionais de suas capitais, reunido recursos de instituições escolares, reconhecidamentepontos de observação estáveis na sociedadepara contarsuas histórias, formular investigações e preservar materiais arquivísticos e iconográficopautados, em particular, na vivência escolar.

Consecutivamente ao mapeamento teórico dos elementos da memória social e educativa, observa-se o florescimento de diversas experiênciasde museus e centros de memórias da educação na atualidade. Estes casos surgem ressoando novas metodologias que semeiam o estudo da história em favor da memória da educação, aqui apresentados casos como no Brasil, na Colômbia e na França. Estes exemplos extraem a noção de um curso homogêneo em determinada época histórica *conjunto da obra da época e na época da totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contem em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas.* (Benjamin, 1985)

São Paulo, 1996. O Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo desenvolve atividades de conservação e preservação de acervos da educação brasileira desde 1996, coordenados por uma comissão de arquivos destinada a elaborar cursos, materiais didáticos e realizar visitas nas unidades da Universidade para orientar e acompanhar a conservação e organização dos mesmos. Um acervo variado guarda a memória da educação da Universidade de São Paulo, em um canal de TV próprio - a TVUSP – onde é desenvolvido o programa de televisão “Trajetória” voltado ao resgate da história dos principais professores da Universidade. O Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo divulga seu conteúdo na internet, *Facebook* e blogs onde estão disponibilizadas teses e dissertações. Com um endereço eletrônico direcionado a pesquisadores e interessados na história da educação, é exposto um acervo com relatórios, dados estatísticos, instruções pedagógicas, revistas, trabalhos escolares e outros materiais que aproximam o pesquisador à complexidade da temática.

Belo Horizonte, 1998. O Museu da Escola de Minas Gerais (IEMG), fundado pela Professora Anamaria Casasanta Peixoto, enquanto museu é o primeiro do gênero no



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Brasil. Inicialmente localizado no Centro de Referência do Professor, na Praça da Liberdade de Belo Horizonte, o acervo se localiza hoje na MAGISTRA, Escola de Aperfeiçoamento de Professores, na Avenida Amazonas, em um edifício circular com cerca de seis mil peças vindas de acervos pessoais e de escolas tradicionais. Sua criação deu-se no Ano Internacional da Alfabetização quando a professora Ana Maria Casasanta, juntamente a um grupo de professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, recolheu farto material de escolas da rede estadual para a exposição “Era uma vez uma escola”. Com este acervo teve início a criação do Museu da Escola, criado a partir do Centro de Memória da Educação da UFMG. As salas do museu fazem referência às suas principais atores; a biblioteca do Museu Alda Lodi retrata a trajetória da educadora, entre Belo Horizonte e Nova Iorque, na exposição: “Educadoras de Minas”. Também dignifica professores como a Sra. Alaíde Lisboa (1904-2006), escritora, ex-vereadora e docente na UFMG, e outras personalidades mineiras da educação e da literatura infantil. Tem um laboratório de currículos e salas de aulas que reproduzem as estruturas da época e dos materiais escolares e testemunham a experiência e a inserção da criança no cunho social expostas em fotografias, carteiras escolares de diversas décadas, diplomas, lousas, canetas, lápis, tinteiros, cartilhas de alfabetização, cartazes, livros infantis, livros de leitura, cadernos, cadernos de caligrafia, ábacos, jogos pedagógicos, pastas escolares, merendeiras, cartazes de ensino, globos, mimeógrafos, projetores de filmes, boletins, cadernetas escolares, móveis e piano e outros materiais.

Paris, 1997. Nesta cidade coalhada de museus, das mais diversas orientações, surge em 1997 o primeiro histórico educacional preocupado em preservar um patrimônio material que se tornaria obsoleto, dadas as constantes mudanças na tecnologia. Por iniciativa do professor Michel Jaulin, que dedica a sua aposentadoria para evitar o desaparecimento destes materiais, criou-se um espaço dedicado a sua conservação com o apoio do Professor Gilbert Martino. Então diretor da Escola 10, da Rua Keller onde se reúne o acervo, na recepção do edifício escolar. Recorrendo a uma lei francesa de 1901, o Museu “Il etait une fois l'école” é criado em 2000, por Gilbert Martino, com o suporte do Departamento de Escola de Negócios de Paris, na pessoa do





ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Sr. Eric Ferrand. Institucionalmente, o empreendimento contou com o apoio político do vice-prefeito de Paris, do encarregado das questões acadêmicas e extracurriculares Jean Pierre Boulay, do Diretor da Escola do Distrito Administrativo e da Cidade do décimo primeiro “arrondissement”, na pessoa de Georges Sarre, do prefeito e do Sr. Leveque, Diretor de escolas do Fundo. Distribuídos em grupos de interesse, os materiais demonstram o uso de equipamentos utilizados no cotidiano escolar, como objetos de escrita, mobiliário escolar, escrivatinhas e mesas do século XX, utensílios para punições no âmbito escolar, medalhas e menções ao mérito, equipamentos antigos de reprografia anteriores às máquinas copadoras, quadros, tabuleiros de tabuada, quadros metodológicos para o ensino de matemática e geometria e os jogos de quintal. Inaugurado em 2003, o museu encontra-se próximo da estação do metrô Bastille, no bairro do Marais. Em fase de expansão, está distribuído em três quartos e um escritório de gestão com uma réplica de uma sala de aula de 1950; materiais e tecnologias do ensino de história, geografia, ciência, materiais de reprografia, computadores, projetores de slides e outros equipamentos audiovisuais como TV, VCR, DVD Player.

Bogotá, 1999. O Centro Virtual de Educação e Memória Pedagógica, da Faculdade de Educação da Universidade Pedagógica Nacional, é um espaço de recolha, preservação, restauração, organização, sistematização, produção, divulgação e difusão das formas de educar dos colombianos ao longo da história. Coordenado pelo Professor Carlos Ernesto Noguera, em seguimento às atividades iniciadas pela Professora Olga Zuluaga Bairro de la Soledad tem intenção de afastar a história da educação do exercício da política, distanciando a memória identitária do país da cultura de subserviência, presente do período colonial. O lugar guarda caixas, arquivos, papéis, fotografias e aspira por outros objetos, em arquivos flutuantes da memória educacional da sociedade local a partir de uma pesquisa nacional “guarda chuva”, dividida entre as quatro maiores universidades do país: a Universidade Nacional pesquisou o período da educação jesuítica; a Universidade Pedagógica, a história das práticas pedagógicas no período anterior ao século XIX; a Universidade de Antióquia pesquisou a Pedagogia no século XIX; e a Universidade Javeriana, a primeira parte do século XX. Em Bogotá, o trabalho do Centro Virtual de Educação e Memória Pedagógica arrecada coleções e documentos históricos



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

(manuais, livros, fotografias, obras de arte e audiovisual), organiza acervos tecnológicos em sites especializados para pesquisa em educação e pedagogia; coleta documentos e imagens da memória das universidades e comunidades educativas no país; discute a memória das práticas educativas no país; promove o desenvolvimento histórico destas instituições de ensino do país e divulga a memória do país na área de Educação e Pedagogia.

A cartografia da memória educativa destas cidades tem na sua origem o seu alvo. A frase, originalmente de Karl Kraus foi mencionada nas Teses sobre a história, de Walter Benjamin (1985) e ilustra a esforço de mira por autoconhecimento. Conhecer a origem de determinado objeto proporciona um reconhecimento das reais possibilidades presentes e futuras, no caso destas localidades, a procura por indícios de sua memória educacional fomenta o autoconhecimento coletivo por meio da análise vocacional infringida a cada população. Nesta sequência infinita de presentes que compõe a história de suas populações nativas, é no retorno às origens que se rompe a fragmentação identitária do processo histórico, para encontrar no começo das coisas, o que de sublime pode compor a sua memória social. O poema Galáxias (1984), de Haroldo de Campos, joga com o sentido das palavras sequenciadas sem pontuação, de presentes infinitos descritos em versos:

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e  
arremesso  
e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que  
importa  
não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo  
escrever  
mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura  
para  
começar com a escritura para acabar começar com a  
escritura. (Haroldo de Campos, 1984, p. 127)

As águas transparentes da sensibilidade dos criadores de memórias educativas demonstram um romantismo presente nos tabuleiros e uniformes que resumem as transformações registradas em mapas-múndi alterados com as tendências identitárias



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de cada lugar: Em São Paulo, a atenção às tendências rurais, urbanas, profissionalizantes e industriais da megalópole comparece no seu enredo enquanto na Colômbia, a rejeição à presença invasiva do pensamento de orientação jesuítica presente ainda presente nas maiores universidades do país. Em Paris, defronta-se a modéstia do professor da rede pública que constata a necessidade do parisiense de se reconhecer nos violentos meios como foi educado, sobre que valores e sob que tipo de demandas. Em Belo Horizonte, a exibição do extenso acervo material evidencia a crise na vocação docente, entre picos de desvalorização, não apenas no Estado de Minas Gerais, mas em todo o Brasil. Nesses lugares, experiências de memória da educação mostram traços da origem da identidade local, num alinhamento histórico não homogêneo que potencializa a capacidade de rememoração das suas populações ao fortalecer-lhes o vínculo com a tradição.

Um tempo saturado de “agoras” distribuídos entre os tempos e espaços de memória, como numa régua que gradua *a estreita passarela do presente que atravessamos de olhos vendados e mal podemos pressentir ou adivinhar aquilo que estamos vivendo. Só mais tarde, quando a venda é retirada e examinamos o passado, percebemos o que foi vivido, compreendendo o sentido do que passou* (KUNDERA, p.35). Nesta sequência de “agoras” da educação pública do Distrito Federal com delicada tarefa de associar o papel da educação na elaboração de identidades locais mediante a salvaguarda do seu patrimônio material e imaterial.

### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. Boitempo, Record, 1986.  
BEHR, Nicolas. Dicionário **Brasília-Z**, Brasília: . Cidade Palavra, 2013  
BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. trad. S.P. Rouanet.  
BONDIA, Jorge Larosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. UNICAMP, Ed. 19. 2002. Tradução João Wanderley Gerardi,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

CAMINHA, Pero. **Carta do Achamento do Brasil. 1500**, disponível em [http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta\\_caminha.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm), acesso em setembro de 2014.

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 1984. 127